

Matemáticas outras: exercícios cartográficos decoloniais.
Eixo 03 - Guerras culturais e educação

Isis Maria de Paula Oliveira - FEUSP - isismaria@usp.br
Orientação e Co-Autora: Dr^a Michela Tuchapesk da Silva -
FEUSP - michelat@usp.br

O presente trabalho de pesquisa, ainda em andamento, propõe uma abordagem transversal na Educação Matemática, explorando as diversas dimensões das matemáticas sob a perspectiva da Filosofia da Diferença, a partir de um enfoque teórico decolonial voltado para as práticas sociais e culturais nos contextos escolares. Utilizando a cartografia como método de pesquisa, o objetivo é que por meio de registros escritos e mapas narrativos, busquemos criar interações resultantes de um mapeamento que visa a atenção às questões decoloniais presentes nas práticas e currículos matemáticos, problematizando práticas convencionais em sala de aula. A escolha da cartografia como abordagem possibilita revelar as relações de força presentes nos discursos escolares, questionando a influência neoliberal e uniformizadora do sistema educacional. Entendemos que ao mapear essas linhas, a pesquisa abre espaço para desvios e resistências às regulamentações, promovendo uma compreensão mais ampla das práticas de ensino e aprendizado das matemáticas sob uma ótica decolonial na perspectiva da Filosofia da Diferença.

Para isso, nos atentamos a um olhar sensível, que consiste em um movimento de criar perguntas, problematizar acontecimentos, mapear as relações de força, invisibilidades centrais da cartografia, que com a pesquisa permitirá apresentar “[...] diferentes tipos de aprendizado, implicados com vários sentidos, e aprender, no plano deste texto, está diretamente ligado com uma plenitude de sentido, com um puro acontecimento, com uma afirmação da diferença, com uma criação do pensar no pensamento” (Roos, 2004, p.5; grifos da autora).

Entendemos que este modo de praticar a pesquisa, pode contribuir para fomentar discussões que problematizam as formas tradicionais de ensino da Matemática curricular, tensionando-a enquanto estrutura dogmática, de único saber, que engendra processos que mantêm a invisibilização das matemáticas outras, que reforçam que as práticas e culturas invisibilizadas, desconhecidas, não ditas, permaneçam no campo do exótico, do diferente, do fora do padrão, do excêntrico. Isto implica em um trabalho prático e teórico que visa fissurar a Matemática curricular que, na maioria das vezes, tem interesse em processos pedagógicos que colaboram para métodos de “decorar fórmulas, repetir o modo como o(a) professor(a) resolve exercícios, acreditar que seu conhecimento é importante porque ‘a Matemática está em tudo’, porque é cobrada nas avaliações externas, para passar no vestibular, porque influencia o bônus salarial de todos os professores” (Silva; Tamayo, 2020, p.287; grifos das autoras).

Assim, neste percurso prático e teórico de mapear as relações de força produzidas pela matemática curricular no Centro de Educação e Cultura Indígena Jaraguá, movimentaremos alguns conceitos da Filosofia da Diferença, a partir de Foucault, Deleuze, Guattari, Silvio Gallo, Luiz Fuganti, Suely Rolnik, entre outros, dado que entendemos que esses conceitos teóricos - visibilidade, relações de saber e poder, multiplicidade - podem contribuir para discutirmos as questões que envolvem as problematizações destacadas, que tensionam a matemática ocidental e que invisibiliza outras produções de conhecimento.

Com a filosofia da diferença, as práticas e táticas da matemática tem a possibilidade de habitar um campo de resistência decolonial frente às guerras culturais na educação, mais

especificamente, na educação matemática, como um processo de invenção de si, produzindo linhas de fuga frente às práticas escolares que ditam uma reprodução de um caminho único, de monocultura da matemática. Assim, sendo atravessadas pelas teorias citadas, buscamos por encontros e afetos que possibilitam caminhos outros, tensionamento que produzam múltiplas formas de se ver, pensar e praticar as matemáticas.

Palavras-chave: educação matemática, decolonialidade, cartografia.

Principais Referências Bibliográficas

1. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. São Paulo: Editora34, 1995.
2. ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.
3. ROOS, Ana Paula. Nunca se sabe como alguém aprende. In: II Colóquio Franco-brasileiro de Filosofia da Educação - O Devir mestre: entre Deleuze e a Educação, 2004, Rio de Janeiro. Anais, 2004. v. único.
4. TUCHAPESK, Michela; TAMAYO, Carolina. Aprender matemáticaS: Um encontro com signos. Boletim online de Educação Matemática, Florianópolis, v. 8, n. 17, 2020.
5. TUCHAPESK, Michela; TAMAYO, Carolina. Fazendo covas na areia: Desaprender para aprender, movimentos decoloniais na Educação Matemática. Revista Portuguesa de Educação, v. 35, p. 167-188, 2022.